

EAE 5992 – Teorias do Desenvolvimento Econômico 2o. semestre de 2017

Parte II:

Os Pioneiros do Desenvolvimento Econômico

Professor Fernando Rugitsky

Tópico 1: Introdução [*1 aula*]

FEA/USP

PLANO

- 1. Motivação
- 2. Os pioneiros e seu contexto
- 3. Temas
- 4. A narrativa de Hirschman
- 5. A narrativa de Krugman
- 6. Legado

1. MOTIVAÇÃO

- **As duas narrativas sobre o declínio da economia do desenvolvimento (Hirschman, 1981, Krugman, 1993) e a atualidade do pensamento dos pioneiros**
 - história do pensamento econômico?
 - declínio irreversível e imperativo interdisciplinar (Hirschman, 1981)
 - reabilitação parcial e possibilidade de ir além das novas teorias do comércio internacional e do crescimento econômico (Krugman, 1993)
- **A questão da atualidade: mecanismos, diagnósticos, âmbito de aplicação**
- **Celso Furtado, seu contexto e sua especificidade**

2. OS PIONEIROS E SEU CONTEXTO

- Gunnar Myrdal (1898-1987) (Suécia)
- Michal Kalecki (1899-1970) (Polônia)
- Raúl Prebisch (1901-1986) (Argentina)
- Paul N. Rosenstein-Rodan (1902-1985) (Polônia)

- Ragnar Nurkse (1907-1959) (Rússia)
- Hans Singer (1910-2006) (Alemanha)

- Albert O. Hirschman (1915-2012) (Alemanha)
- W. Arthur Lewis (1915-1991) (Santa Lúcia)
- Celso Furtado (1920-2004) (Brasil)

2. OS PIONEIROS E SEU CONTEXTO

■ Pensamento cosmopolita e periférico

- 3 do Leste Europeu, 3 latino-americanos
- vários com experiência de emigração e exílio (Rosenstein-Rodan, Nurkse, Singer, Hirschman, Furtado)

■ Vocação aplicada

- muitos ligados às instituições internacionais criadas no pós-guerra, na maior parte vinculadas à ONU
- Cepal (Prebisch, Furtado), Comissão Econômica para a Europa (Myrdal), Unctad (Prebisch), Secretariado da ONU (Kalecki, Singer), Banco Mundial (Rosenstein-Rodan)

■ Legitimidade institucional

- vários com postos acadêmicos em instituições prestigiadas nos Estados Unidos
- dois ganhadores do prêmio Nobel (Lewis, Myrdal) [*o prêmio de Lewis e o obituário escrito por Hirschman, ver Adelman, 2013: 542-545*]

2. OS PIONEIROS E SEU CONTEXTO

■ O contexto do imediato pós-guerra (Arndt, 1987: 43-48)

- traumas e idealismo
- fragmentação dos impérios coloniais
- instituições internacionais
- otimismo a respeito da intervenção estatal (keynesianismo, planejamento e economia de guerra)

“Eu tomo como certo que o rápido crescimento de trabalhos sobre os problemas econômicos dos países subdesenvolvidos reflete a mudança fundamental na situação política internacional desde a Segunda Guerra Mundial.” (Myrdal, 1957: v, tradução minha)

■ A periferia e as instituições internacionais

- pluralidade de participantes em Bretton Woods (*“The most monstrous monkey-house assembled for years”*, Keynes apud Meier, 1984: 9)
- estabilidade do preço das *commodities* como demanda inicial
- o Plano Marshall e as pressões da América Latina
- disputa por uma nova ordem econômica internacional e desenvolvimento do pensamento econômico estruturalista
- tensão entre perspectiva colonialista e formulação de pensamento próprio da periferia

2. OS PIONEIROS E SEU CONTEXTO

“O desenvolvimento econômico no Terceiro Mundo como um grande interesse dos governos ocidentais, dos economistas e da opinião pública em geral nasceu durante a Segunda Guerra Mundial. Foi a necessidade dos Aliados ocidentais de formular metas de guerra, não por último para resistir à nova ordem de Hitler e à esfera de co-prosperidade do Japão, e a reação característica da opinião pública britânica e norte-americana aos horrores da guerra através de uma onda de idealismo acerca de planos para um mundo pós-guerra melhor que, em um intervalo de poucos anos, promoveu a economia do desenvolvimento da mais negligenciada para a mais comentada área da disciplina. Ao mesmo tempo, ao demonstrar o poder da ação governamental em mobilizar recursos econômicos, a guerra em si gerou um clima de otimismo acerca do que poderia ser feito para criar um mundo melhor, tanto no estrangeiro quanto internamente.” (Arndt, 1987: 43-44)

“O planejamento para a reconstrução pós-guerra começou surpreendentemente cedo durante a guerra. [...] a maior parte dos participantes no planejamento para o mundo pós-guerra eram induzidos pelo desejo de evitar o que quer que eles pensavam que havia dado errado na última vez.” (Mazower, 2011: 25)

2. OS PIONEIROS E SEU CONTEXTO

- **Crescimento econômico e desenvolvimento econômico**
 - economia política clássica, economia neoclássica, pluralismo do entreguerras e marginalização da reflexão sobre os países periféricos (Arndt, 1987: cap. 1)
 - exceções: nacionalismo reativo e teoria colonial (Arndt, 1987: cap. 1)
 - as contas nacionais e possibilidades comparativas
 - nuances do conceito de desenvolvimento: estrutura produtiva e social, distribuição de renda, transformação da vida social (Arndt, 1987: 51-53)

3. TEMAS

■ Formação de capital (Arndt, 1987: 54-60)

- o modelo Harrod-Domar, o requerimento de capital e a razão capital-produto incremental
- poupança doméstica e hiato de capital
- desenvolvimento econômico e industrialização
- população excedente e desemprego disfarçado
- planejamento

■ Estratégias de acumulação de capital para o desenvolvimento (Arndt, 1987: 58-60)

- externalidades e o “*big push*”
- crescimento equilibrado e desequilibrado
- causação circular e cumulativa

3. TEMAS

■ Capital humano (Arndt, 1987: 60-72)

- Resíduo de Solow
- Assistência técnica
- Planejamento da força de trabalho
- *Brain Drain*

■ Comércio como motor do crescimento? (Arndt, 1987: 72-87)

- pessimismo comercial
- a deterioração dos termos de troca e a incapacidade da periferia de reter os frutos de seu progresso técnico
- substituição de importações
- persistência da vulnerabilidade externa e a demanda por uma nova ordem econômica internacional
- políticas de promoção das exportações

3. TEMAS

“Alguns podem optar por resumir a economia do desenvolvimento mainstream dos anos 1950 como sendo estrutural, marcada por pessimismo comercial, enfatizando investimento planejado em capital físico novo, utilizando reservas de trabalho excedente, adotando políticas de industrialização por substituição de importações, defendendo o planejamento central da mudança e recorrendo à ajuda externa. Mas havia correntes conflitantes e o período foi caracterizado pelo debate vigoroso acerca de assuntos dominantes. Especialmente notáveis foram as controvérsias sobre crescimento equilibrado versus crescimento desequilibrado, industrialização versus agricultura, substituição de importação versus promoção de exportações, planejamento versus dependência no sistema de preços mercantis.” (Meier, 1984: 22)

4. A NARRATIVA DE HIRSCHMAN

- **Duas razões para o declínio de uma atividade científica voltada a solução de um problema premente**
 - ou o problema foi resolvido
 - ou sua solução não é viável
- **Ambas não se aplicam ao caso: “o problema da pobreza mundial está longe de ter sido resolvido, mas avanços encorajadores foram e estão sendo feitas” (2)**

“É, assim, algo misterioso [puzzle] a razão pela qual a economia do desenvolvimento floresceu tão brevemente” (1981: 2)

- **Explicação alternativa**
 - conjunção de correntes ideológicas distintas foi extraordinariamente produtiva, mas levou a tensões
 - campo sobrecarregado por esperanças e ambições que não eram razoáveis

4. A NARRATIVA DE HIRSCHMAN

Types of development theories

	Monoeconomics claim:	
	<i>asserted</i>	<i>rejected</i>
Mutual-benefit claim: <i>asserted</i>	Orthodox economics	Development economics
<i>rejected</i>	Marx?	Neo-Marxist theories

4. A NARRATIVA DE HIRSCHMAN

■ Classificação de teorias do desenvolvimento (quadro, p. 3)

- o argumento monista e o pressuposto do benefício mútuo
- teorias: economia ortodoxa, economia do desenvolvimento, Marx(?), teorias neo-marxistas
- características da economia do desenvolvimento eram essenciais para que ela surgisse no momento e no local em que ela surgiu

“Uma cômoda consistência interna, inclinada à simplificação (e à simplificação excessiva) da realidade e, conseqüentemente, propícia à formação de ideologia, é imediatamente aparente tanto na posição ortodoxa quanto na neo-marxista.” (4)

“O pensamento orientado à ação raramente distingue-se pela consistência.” (13)

4. A NARRATIVA DE HIRSCHMAN

■ O florescimento da economia do desenvolvimento

- impulso da revolução keynesiana
- duas observações centrais (subemprego rural e especificidade da industrialização tardia) para rejeitar o monismo

■ Subemprego rural

- afinidades com o keynesianismo: equilíbrio com desemprego e “círculo vicioso da pobreza” (um estado de equilíbrio em um nível baixo), política fiscal expansionista e planejamento público do investimento
- tentativa do Hirschman de generalizar o diagnóstico do subemprego e enfraquecimento da rejeição do monismo (oferta ilimitada de trabalho no ‘norte’, mercados de trabalho duais)

“Esse tipo de movimento dialético – primeiro vem, ao se observar grupos estrangeiros, a descoberta espantosa da Alteridade e daí segue-se a ainda mais surpreendente descoberta que o seu próprio grupo não é tão diferente – foi, é claro, típico dos estudos antropológicos das sociedades ‘primitivas’ desde seu início e foi, de fato, um dos seus principais atrativos.”(9)

4. A NARRATIVA DE HIRSCHMAN

■ Industrialização tardia

- *“em áreas subdesenvolvidas, a industrialização requeria um esforço deliberado, intensivo, direcionado”* (10) [para superar a especialização na produção de produtos primários para a exportação]
- argumentos teóricos e exame histórico da industrialização da Europa no século XIX (Gerschenkron)

■ O pressuposto do benefício mútuo

- ajuda externa e assistência técnica
- Plano Marshall como exemplo

“Se a dureza do problema do desenvolvimento e as dificuldades na relação Norte-Sul tivessem sido avaliadas corretamente desde o início, a considerável mobilização intelectual e política para o empreendimento certamente não teria ocorrido.” (14) (O otimismo incorrigível de Hirschman)

4. A NARRATIVA DE HIRSCHMAN

- **A aliança do neo-Marxismo e da monoeconomia contra a economia do desenvolvimento [fenômeno mais geral]:** dada a caracterização da economia desenvolvimento, resta explicar o seu declínio
- **Nuances no pressuposto do benefício mútuo**
 - a tese de Prebisch e Singer (sobre a deterioração secular dos termos de troca)
 - oferta ilimitada é produzida pelos colonizadores e capitalistas (Arrighi)
 - os efeitos “retardador” (backwash) de Myrdal e “polarizador” de Hirschman
- **Abertura para as críticas**
 - o catastrofismo da esquerda (André Gunder Frank e as teorias da dependência)
 - economistas neoclássicos e a má alocação de recursos

“Seria sem dúvida tolice (...) argumentar que qualquer doutrina ou política que é atacada simultaneamente tanto pela esquerda quanto pela direita é, justamente por isso, envolvida supremamente de verdade e sabedoria.” (19)

4. A NARRATIVA DE HIRSCHMAN

Por que a aliança derrotou a economia do desenvolvimento? Porque duas transformações históricas desincentivaram os pioneiros a se defenderem dos ataques.

■ Duas transformações

- fragmentação do mundo subdesenvolvido: *“A ideia de um corpo unificado de análise e de recomendações de política para todos os países subdesenvolvidos, a qual contribuiu muito para a ascensão da subdisciplina, tornou-se em certo sentido vítima do próprio sucesso do desenvolvimento e de sua desigualdade.”*(20)
- desastres políticos: *“Esses desastres de desenvolvimento, desde guerras civis até o estabelecimento de regimes autoritários assassinos, não poderiam senão levar a reconsideração um grupo de cientistas sociais, que, no fim das contas, havia assumido o cultivo da economia do desenvolvimento na esteira da Segunda Guerra Mundial não como especialistas estreitos, mas impelido pela visão de um mundo melhor.”* (20)

■ Duas reações à frustração política

- recolhimento técnico
- pessimismo

4. A NARRATIVA DE HIRSCHMAN

“A economia do desenvolvimento começou como a ponta de lança de um esforço para conduzir à emancipação completa do atraso. Se tal esforço cumprirá sua promessa, o desafio colocado pela política sombria deve ser enfrentado em vez de evitado ou evadido. A essa altura, ficou muito claro que isso não pode ser feito pela teoria econômica sozinha. É por essa razão que o declínio da economia do desenvolvimento não pode ser revertido: nossa subdisciplina atingiu seu brilho e empolgação significativos por meio da ideia implícita de que poderia matar o dragão do atraso virtualmente sozinha ou, ao menos, que sua contribuição para essa tarefa era central. Agora sabemos que não é o caso. Um pensamento consolador é que nós ganhamos em maturidade o que perdemos em empolgação.”(23)

5. A NARRATIVA DE KRUGMAN

- A ambiguidade de Krugman (1993), reabilitação misturada com um certo escárnio
- A interpretação internalista para o declínio: “(...) *nem a demanda externa declinante para a economia do desenvolvimento, nem seus fracassos práticos explicam inteiramente o colapso do campo. Problemas puramente intelectuais também foram extremamente importantes. Durante os anos em que a alta teoria do desenvolvimento [high development theory] floresceu, os principais praticantes falharam em tornar suas ideias intuitivas em modelos bem amarrados que pudessem servir de núcleo para uma disciplina duradoura.*” (26)
 - “concorrência imperfeita e os fracassos do formalismo: “*Então, por que a alta teoria do desenvolvimento não foi expressa em modelos formais? Quase certamente por uma razão básica: a dificuldade de reconciliar economias de escala com uma estrutura de mercado competitiva.*” (27)
 - Lewis como exceção que confirma a regra

5. A NARRATIVA DE KRUGMAN

“Não há, infelizmente, modelos maleáveis gerais ou mesmo plausíveis de competição imperfeita. Os modelos maleáveis sempre envolvem algum conjunto de pressupostos arbitrários sobre preferências, tecnologia, comportamento, ou sobre todos os três. Isso significa que, para fazer teoria do desenvolvimento, deve-se ter a coragem de ser tolo, escrevendo modelos que são implausíveis nos detalhes a fim de chegar a intuições convincentes mais gerais. Isso não é uma lição nova. Os teóricos do comércio aprenderam-na mais de uma dúzia de anos atrás, quando perceberam que uma reconstrução da teoria do comércio para levar em consideração retornos crescentes envolveria necessariamente abandonar qualquer pretensão de generalidade. Os teóricos do crescimento aprenderam a mesma lição poucos anos depois. A alta teoria do desenvolvimento esmoreceu porque não deu o mesmo passo.” (20)

5. A NARRATIVA DE KRUGMAN

■ A mensagem de Krugman

“Vou argumentar que durante os anos 1950 um núcleo central de ideais emergiu acerca de economias externas, complementaridade estratégica e desenvolvimento econômico que permanece intelectualmente válido e que pode continuar a ter aplicações práticas. Esse conjunto de ideias, o qual denominarei ‘alta teoria do desenvolvimento’, antecipou de várias maneiras a fronteira das modernas teorias do comércio e do crescimento.” (16)

■ Reabilitação?

- “Provavelmente, o artigo mais famoso na literatura da economia do desenvolvimento é ‘Desenvolvimento econômico com oferta ilimitada de trabalho’ de Arthur Lewis (1954). Em retrospecto, é difícil entender exatamente a razão.” (22)
- “Assim como no caso de Lewis, é muito misterioso que o trabalho de Hirschman tenha tido tanto impacto. (...) a contribuição decisiva de Hirschman foi mais de estilo do que de substância (...)” (24-25)

■ Krugman, monoeconomista?

“Os pobres não são diferentes de você ou de mim – eles simplesmente ganham menos dinheiro.” (29)

5. A NARRATIVA DE KRUGMAN

■ Economia do desenvolvimento e dúvidas sobre os mercados livres

“Faz sentido considerável que o Banco Mundial e outras agências multilaterais forcem políticas liberais aos países em desenvolvimento, dada as tendências demonstradas desses clientes a se engajar em intervenções economicamente irracionais. Mas, no fundo, devemos lembrar que não é verdade que a teoria econômica ‘prova’ que os mercados livres são sempre a melhor opção: há um argumento intelectualmente sólido para alguma promoção governamental da indústria – uma promoção que comumente pareceu empiricamente plausível para observadores sofisticados. Em outras palavras, não se deixe levar excessivamente pela ortodoxia do momento. (...) A pesquisa acerca das políticas comerciais e industriais nos países em desenvolvimento ainda é dominada pela agenda da contrarrevolução que se iniciou nos anos 1960: os horrores da substituição de importação e as distorções impostas pela política governamental. Esse trabalho é valioso e governos continuam a dar oportunidade para que ele seja útil. Porém, provavelmente chegou a hora de se focar de novo nas falhas de mercado além das falhas de governo.” (32)

5. A NARRATIVA DE KRUGMAN

■ Uma narrativa externalista e uma narrativa internalista?

“Minha reação ao artigo de Krugman é, claro, que estou contente: contente por ser reabilitado e por estar presente, ao contrário da maior parte dos outros que contribuíram para a alta teoria do desenvolvimento, à nossa reabilitação coletiva pelas mãos de Krugman. É certamente verdade que o fracasso dos proponentes da ‘alta teoria do desenvolvimento’ em falar na linguagem dos modelos contribuiu para a perda de influência de suas ideias nos anos 1970 e 1980. Mas aqui concordo contigo que isso não é a história toda. A interpretação dele é essencialmente o que se denomina uma interpretação ‘internalista’ na história e na sociologia da ciência. Eu tentei oferecer o lado ‘externalista’ da estória no meu artigo sobre ‘A ascensão e a queda da economia do desenvolvimento’.” (Hirschman apud Jayawardena, 1993: 51-52)

5. A NARRATIVA DE KRUGMAN

■ As hipóteses grandiosas seguem sendo evitadas?

“Muito poucos economistas ousariam atualmente oferecer hipóteses grandiosas sobre a razão de os países pobres serem pobres ou sobre o que eles podem fazer a respeito. De fato, a contrarrevolução acabou com a economia do desenvolvimento.” (Krugman, 1993: 16)

“Há é claro muitas vantagens nessa nova concretude nos estudos sobre o desenvolvimento e particularmente na preocupação com as partes mais pobres. No entanto, a economia do desenvolvimento começou como a ponta de lança de um esforço para conduzir à emancipação completa do atraso.” (Hirschman, 1981: 23)

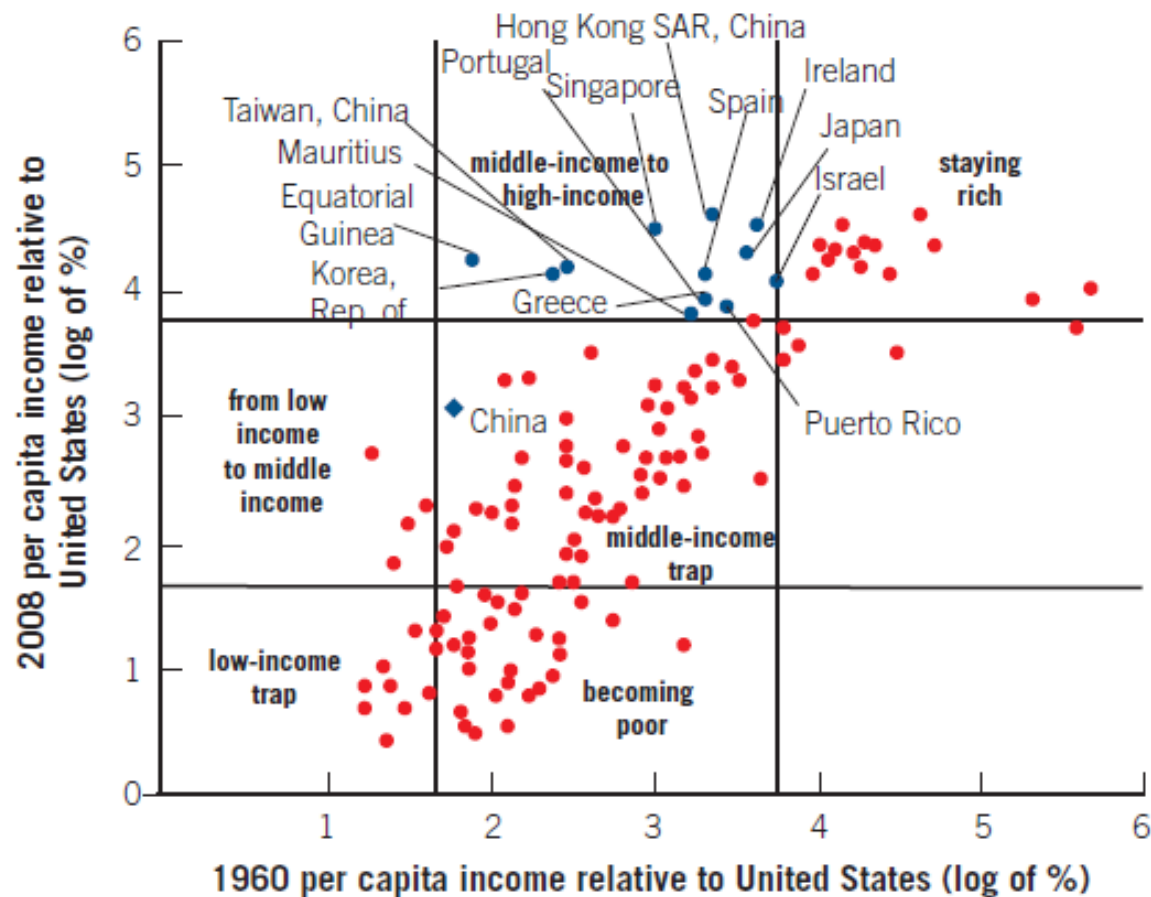
6. LEGADO

CRESCIMENTO DO PIB (TAXA MÉDIA POR DÉCADA)					
	1960	1970	1980	1990	2000-2013
Centro					
América do Norte	4.80	3.36	3.13	3.17	1.94
União Européia	4.96	3.91	2.33	2.13	1.40
Periferia					
América Latina e Caribe	5.62	6.19	2.02	2.76	3.24
Brasil	5.90	8.47	2.99	1.70	3.36
Leste Asiático e Pacífico	3.75	7.24	7.70	8.17	8.65
África Sub-Saariana	4.56	4.05	1.75	1.87	4.85
Mundo	5.50	4.05	3.07	2.67	2.68

Fonte: World DataBank

6. LEGADO

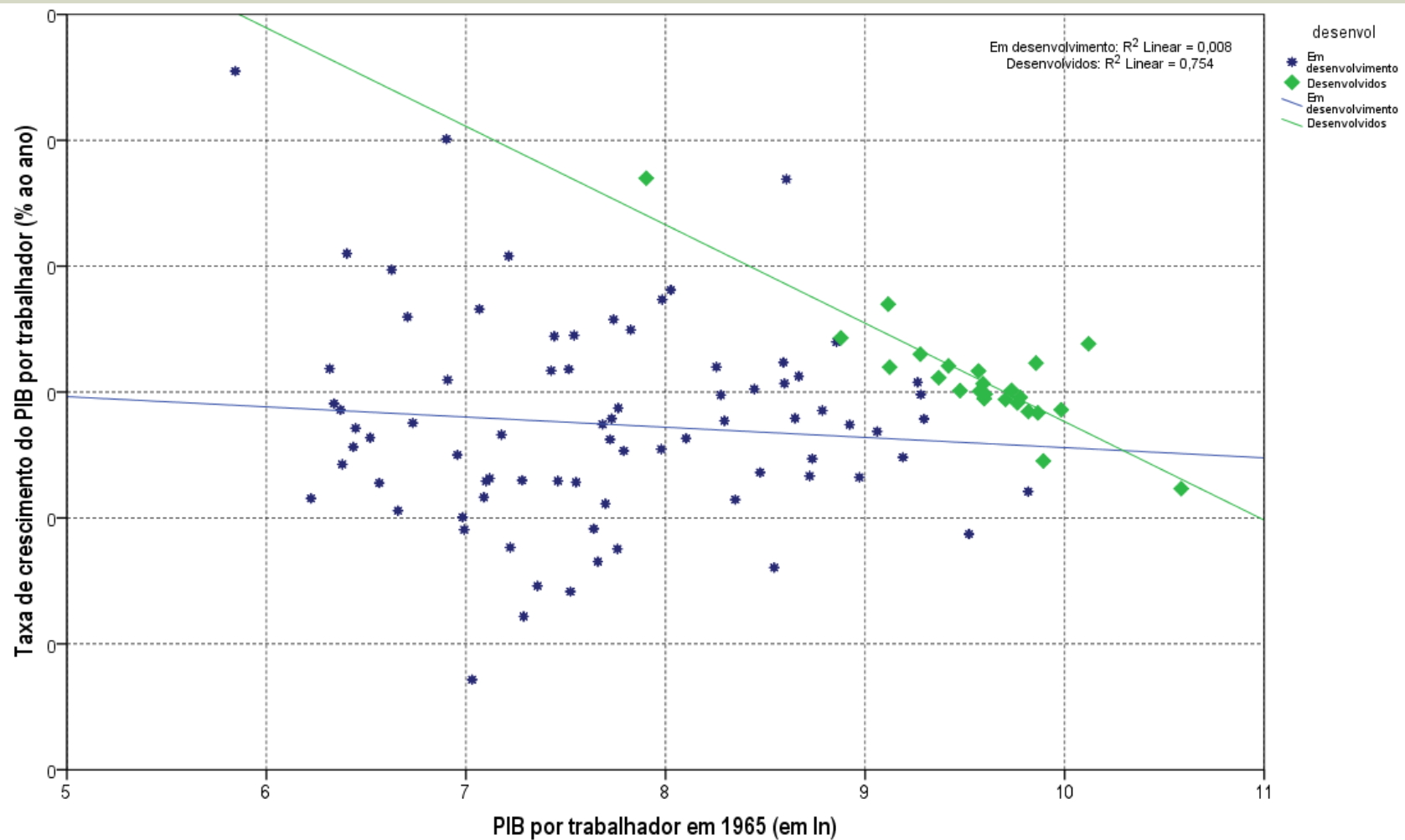
Figure 1. Per Capita Incomes Relative to the United States, 1960 and 2008



Source: World Bank 2012.

Agénor, Canuto e Jelenic (2012: 2)

6. LEGADO



REFERÊNCIAS

ADELMAN, Jeremy (2013). *Worldly Philosopher: the odyssey of Albert O. Hirschman*. Princeton: Princeton University Press.

AGÉNOR, Pierre-Richard, CANUTO, Otaviano, JELENIC, Michael (2012). “Avoiding middle-income traps”, *Economic Premise*, n. 98.

ARNDT, H. W. (1987). *Economic Development: the history of an idea*. Chicago: University of Chicago Press.

HIRSCHMAN, Albert O. (1981). “The rise and decline of development economics”. In: HIRSCHMAN, Albert O. *Essays in Trespassing: economics to politics and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-24.

JAYAWARDENA, Lal (1993). “Comment on ‘Toward a conter-counterrevolution in development theory’, by Krugman”. *Proceedings of the World Bank Annual Conference on Development Economics 1992*, pp. 51-57.

KRUGMAN, Paul (1993). “Toward a conter-counterrevolution in development theory”. *Proceedings of the World Bank Annual Conference on Development Economics 1992*, pp. 15-38.

REFERÊNCIAS

MAZOWER, Mark (2011) “Reconstruction: the historiographical issues”, *Past and Present*, 210 (Supplement 6): 17-28.

MEIER, Gerald M. (1984). “The formative period”. In: MEIER, Gerald M., SEERS, Dudley (orgs.). *Pioneers in Development*. Oxford: Oxford University Press, pp. 3-22.

MYRDAL Gunnar (1957). *Economic Theory and Under-Developed Regions*. Londres: University Paperbacks.